

Sobrevivência em risco

GILBERTO DUPAS

Em meio às turbulências por que passam as sociedades contemporâneas, duas esperanças parecem acalentar os sonhos dos homens. A primeira é que a sobrevivência da humanidade como espécie esteja garantida. A outra, que em algum momento do futuro, uma parte razoável dos seres humanos possa atingir uma qualidade de vida semelhante ao atual padrão do cidadão médio norte-americano ou europeu. É preciso ter claro que não há segurança sobre nenhuma das hipóteses. A primeira, dependerá de um enorme esforço conjunto de toda a raça humana. A segunda tem toda a chance de ser uma premissa falsa.

Alguns dos cientistas mais renomados que nossa cultura conseguiu produzir até agora fazem uma grave advertência sobre a maneira como estamos conduzindo nossos caminhos. Ao mesmo tempo, eles nos delegam algumas responsabilidades brutais.

Daniel Dennett, filósofo da Universidade de Tufts, acha quase certo não sermos a espécie do planeta com maior chance de sobreviver. Perdemos para as baratas e as criaturas mais simples. Possuímos uma grande vantagem: a condição de olhar à frente e planejar.

No entanto, apesar —e por causa— de tanto avanço tecnológico de que fomos capazes, caminhamos em direção a uma barreira de escassez, não de minérios ou energia, mas de água e alimentos. Edward O. Wilson, sociobiólogo de Harvard, lembra que nos transformamos na primeira espécie a se tornar uma força geofísica, capaz de alterar o clima da Terra, e que temos sido os maiores destruidores de vida desde o meteorito que caiu perto de Iucatã há 65 milhões de anos e encerrou o ciclo

dos grandes répteis.

Com a superpopulação e o atual estilo de desenvolvimento, corremos o risco de esgotar nossas reservas naturais —inclusive água doce— e eliminar para sempre numerosas espécies vegetais e animais. Ele nos compara a uma família que dissipa irrefletidamente seu parco capital e que depende cada vez mais de novos conhecimentos para se manter viva. De fato, se retirarmos a eletricidade de uma tribo de aborígenes australianos, quase nada acontecerá. Se o fizermos aos moradores da Califórnia, milhões morrerão.

Wilson adverte que a maior parte da pressão destruidora sobre o nosso ecossistema vem de um pequeno número de países desenvolvidos. No entanto, suas fórmulas de prosperidade estão sendo vivamente adotadas como objetivo pelo resto do mundo. O que conduz a uma impossibilidade matemática.

Elevar ao nível médio norte-americano a qualidade de vida da população atual da Terra já exigiria os recursos naturais de mais dois planetas iguais ao nosso. Nos mesmos níveis de consumo e desperdício, mesmo que apenas uma parte das nações fosse bem-sucedida nesse intento, o choque ambiental decorrente liquidaria a vida humana. No entanto, os eternos otimistas nos aconselham: a vida está melhorando, continuamos crescendo; não se preocupe com o próximo ano, somos uma turma esperta; sempre foi possível dar um jeito. Wilson nos alerta para fazermos ouvidos moucos a esses otimistas e pede

muito cuidado. Cada avanço tecnológico é uma espécie de prótese artificial, dependente de avançado "know-how" e intensa administração.

É curioso como nossa maravilhosa capacidade de previsão tem evoluído menos que o avanço do arsenal destrutivo de nossas aspirações de consumo. O homem primitivo dava-se por satisfeito ao voltar para a caverna com algum alimento para a sua família e ter sobrevivido mais um dia. Hoje, tentamos planejar a longo prazo, mas dificilmente avaliamos as consequências de nossas ações para mais de duas gerações.

Ao cortarmos uma árvore da floresta tropical, raramente assumimos que nossos bisnetos poderão encontrar lá um deserto. E ainda não sabemos como criar um sistema de apoio à vida

alternativo a nossos frágeis ecossistemas naturais. A velha "mãe-Terra" parece ser o único lar capaz de sustentar a vida. Temos que preservá-la.

Stephen Jay Gould, paleontólogo de Harvard, lembra que não pedimos para desempenhar esse papel, podemos nem ser talhados para ele, mas não há outro jeito: A existência humana dependerá de sermos capazes de estabelecer contratos de longo prazo com nosso futuro. Se banirmos as outras espécies em nome do que chamamos progresso, nem nós sobraremos.

Gilberto Dupas, 55, economista, é coordenador da área de assuntos internacionais do Instituto de Estudos Avançados da USP (Universidade de São Paulo) e professor da FDC no Insead (França). Foi secretário de Estado da Agricultura e do Abastecimento e presidente da Caixa Econômica Estadual (governo Montoro).

*Se banirmos as
outras espécies em
nome do que chamamos
progresso, nem
nós sobraremos*